

EDITORIAL

A Aliança é uma das categorias teológicas mais importantes da Bíblia. Por isso, é comum dizermos que o nosso Deus é o Deus da Aliança e que nós somos o povo da Aliança. Mesmo que isso não esteja escrito literalmente na Bíblia, tanto nós cristãos como o povo judeu, historicamente sempre afirmamos isso.

Podemos dizer que algumas das ações importantes de Deus são: escolher, firmar Aliança, fazer Promessa... Estas ações se interligam entre si, pois ajudam na formação do povo de Deus e na aquisição da sua identidade. São elas também que definem da melhor maneira o relacionamento de Deus com o seu povo: “*Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo*” – expressão muito cara para a Bíblia.

O Deus da Bíblia é o Deus que escolhe, que chama e que decide assumir um compromisso estreito com seu povo escolhido. Mais que um pacto legal, a Aliança é um compromisso de amor. Quem ama escolhe, se apaixona, se dá a conhecer, caminha junto, sofre a dor das entranhas da misericórdia, doa-se, ajuda... Portanto, o Deus da Aliança não é um Deus distante e ausente. Por isso, Ele decide habitar com o seu povo. É a *Shekinah*, presença divina entre sua criação ou o Deus que arma sua tenda junto com o seu povo.

Se a Aliança é sinal de um Deus próximo e presente, devemos afirmar também que Deus se torna um presente para seu povo. Ele é também graça, dom, gratuidade e bondade. A Bíblia não tem dificuldade de nos ensinar que o relacionamento que Deus mantém com o seu povo é um relacionamento de amor: “*Foi por amor que vos escolhi*” (Dt 7,8). Nosso Deus cria, ama, é ciumento, se compadece, perdoa, renova as promessas... Tudo isso para manter sua fidelidade com o pacto assumido e para exigir que o povo também, por sua parte, lhe seja fiel. O profeta Oséias foi quem nos transmitiu a idéia de que o relacionamento de Deus com seu povo é como um casamento. E o Novo Testamento nos revelou melhor o rosto mais bonito de Deus, que é Amor (cf. 1Jo 4,8.16).

A Aliança é diferente do contrato, pois ela tem um caráter permanente e eterno. A Aliança tem também uma dimensão espiritual de relação com o sagrado, mas tem sobretudo uma dimensão material, isto é, exigências nas relações com os irmãos, com a comunidade e com toda a Criação.

No Antigo Oriente eram conhecidas as alianças entre povos ou entre o senhor e os súditos. Nelas, o superior ou o mais forte exigia o tributo, a submissão e obediência do mais fraco. Em troca lhe dava a proteção. A Aliança entre Deus e seu povo pode ser vista, a princípio, como a Aliança entre o mais forte e o povo fraco que precisa de proteção. Foi isso que Ele fez, carinhosamente, como o seu povo quando “*Ele o achou numa terra do deserto, num vazio solitário e ululante. Cercou-o, cuidou dele e o guar-*

dou com carinho, como se fosse a menina dos seus olhos. Como a águia que vela por seu ninho e revoa por cima dos filhotes, ele o tomou, estendendo as suas asas, e o carregou em cima de suas penas” (Dt 32,10-11). Na Aliança e na Promessa que Deus faz, Ele se compromete também a abençoar seu povo. E um dos traços da bênção é justamente a proteção e o cuidado (cf. Nm 6,24-26).

A Aliança de amor é mais que um compromisso. Por isso, nas violações que o povo faz constantemente, em geral, Deus não busca a punição como primeira alternativa, mas procura antes a correção com amor, oferecendo o perdão e buscando a reconciliação (desde que haja um arrependimento verdadeiro e sincero). Ele envia Profetas para convidar ao retorno à fidelidade e conhecimento do seu projeto. E por fim busca a concretização de uma aliança que não seja baseada em lei escrita em tábuas, mas numa Lei inscrita no coração. A lei do amor tem outras regras diferentes daquelas que as letras aceitam e que podem mais facilmente ser rompidas.

É certo que toda a Aliança tem compromissos com direitos e deveres de ambas as partes, por isso a Aliança se fazia com derramamento de sangue (cf. Ex 24,6-8; Hb 9,18-22), pois o sangue representava a vida.

Toda a Aliança também tem seu símbolo, seu sinal visível, justamente para ser lembrada e para não ser esquecida. É por isso que tantas vezes a Aliança é recordada e celebrada nos Salmos e nas orações do Povo de Deus (cf. Sl 103,18; 105,10; 106,45; 111,5-9; Lc 1,72; At 3,25, etc.).

O tema da Aliança perpassa toda a Bíblia. Sejam as três principais Alianças do AT (com Noé, com Abraão e com o povo rumo à Terra Prometida), sejam as consequências destas Alianças, bem como as propostas de renovação, profetizadas por Jeremias, Isaías, Ezequiel, Zacarias, etc. No Novo Testamento temos a Nova e Definitiva Aliança realizada por Jesus Cristo, narrada pelos Evangelhos, interpretada pelo Apóstolo Paulo e com a dimensão própria que lhe é dada por Hebreus.

Quantas são as Alianças na Bíblia? A exegese judaica, de tradição mística, interpreta *bereshit*, a primeira palavra da Bíblia (Gn 1,1), como *bereshit berit*, ou seja: “início da Aliança”. Irineu de Lyon entendia que Deus havia feito quatro alianças com o gênero humano: com Adão, com Noé, com Moisés e com Jesus Cristo. Encontramos outras passagens sobre alianças na Bíblia (Js 24,25-27; 2Sm 7,5-16; 2Rs 11,17-20; 2Rs 23,2-20; Ne 8,1-12, etc.), mas em geral se trata de renovação ou novas cláusulas da Aliança do Sinai. Porém, é sempre bom recordar que o termo “*berit*” no plural é ausente na Bíblia Hebraica; por isso, quase poderíamos afirmar que temos várias manifestações da mesma e sempre única Aliança. Nos artigos que seguem, partimos da idéia que foram quatro as grandes alianças na Bíblia.

Ildo Perondi apresenta um estudo sobre a Aliança com toda a Criação, depois do caos e do Dilúvio. Deus se compromete a não mais destruir a sua Criação ao instituir esta primeira e abrangente Aliança, que tem o arco-íris como sinal. Mesmo sendo antiga, esta Aliança tem dimensões teológicas e ecumênicas que devem ser resgatadas para vivermos neste instante de crise ecológica e da fragmentação social em que vivemos. Na Aliança com Noé estamos todos!

Michael Kleine analisa a Aliança que Deus fez com Abraão (Patriarcas) como o início da identidade do povo de Israel. Esta é a Aliança da Promessa, concebida em três pontos importantes: uma grande descendência, a terra prometida e a relação especial que Deus tem com o seu povo e o povo com o seu Deus. Esta aliança tem um caráter político, onde Deus ocupa o papel do Estado. Abraão, por sua vez, é chamado a obedecer e ser *tamim* (perfeito) e andar na presença de Deus, como modelo da fé judaica do pós-exílio.

Rita de Cácia Lô explica os detalhes e os elementos que constituem a Aliança feita no Êxodo, descrevendo quais foram os ritos e os personagens envolvidos. Esta Aliança, instituída com oferendas a Deus e com a aspersão de sangue, acaba adquirindo um vínculo quase familiar e que marca a relação que vai ser estabelecida entre Deus e seu povo. Os filhos de Israel passam a fazer parte da família de Deus.

Luiz Alexandre S. Rossi nos presenteia com um estudo sobre o contexto em que viveu o profeta Jeremias e seu anúncio sobre a necessidade de renovação da Aliança. A reflexão sobre Jr 31,31-34 leva o povo de Deus a sonhar com o projeto de Deus. Na Nova Aliança a novidade não é o parceiro, mas sim a qualidade criada pelos atos de Javé. O povo conhecerá a Lei que será escrita nos seus corações, conhecerá o caminho a seguir, porque conhecerá a santidade e a beleza do seu Deus!

Tomaz Hughes faz uma reflexão sobre a Nova Aliança instituída por Jesus Cristo. No Evangelho de Lucas esta Aliança acontece num contexto de várias refeições e que culmina na Ceia de Jesus. A Nova Aliança é memória e também compromisso com o Reino. Mas é também uma nova proposta para viver o *Shalom* com toda a radicalidade que este termo hebraico comporta.

José Adriano Filho analisa como Hebreus faz a interpretação das Escrituras. Com o evento Cristo, mais que ruptura com o Antigo Testamento, temos o cumprimento das profecias. Hebreus apresenta a qualidade do Sacerdócio de Jesus Cristo que, com sua missão e vida redentora, entra no santuário divino. Na distinção entre santuário terreno e celestial está a diferença entre o Sacerdócio de Jesus e dos sacerdotes levitas, como também a diferença entre a nova e a antiga Aliança. Com a Nova Aliança Jesus inaugura um caminho novo e vivo, através do qual temos acesso a Deus por meio da adesão pela fé. Assim o autor de Hebreus parte da perspectiva de que a história de Israel é uma história redentora e apresenta o significado tipológico do Antigo Testamento numa relação particular com o plano divino da salvação.

Elenira Cunha reflete sobre o conceito “Aliança” que encontramos nas Cartas autênticas do Apóstolo Paulo e em Hebreus. Porém, mais importante que o conceito é a Teologia que estes textos bíblicos nos oferecem a partir do evento Jesus Cristo e o contexto em que os mesmos surgiram. Em Paulo e Hebreus, portanto, vamos encontrar continuidade e ruptura com o Antigo Testamento.

Desejo que a leitura e o estudo deste número de Estudos Bíblicos nos levem a recordar sempre que somos o povo da Aliança e que, por isso, temos o compromisso de viver sendo fiéis a esta proposta, ainda que peregrinos e passageiros sobre a face da terra.

Porque nos inserimos na Aliança com nosso Deus é que devemos ser fiéis a Ele, e nos empenhar na vivência fraterna entre todos os seres humanos e no respeito e preservação de toda a vida. É o nosso compromisso com o Reino que Jesus anunciou, e que selou com a Nova e Eterna Aliança, que nos leva a esta grande e sempre bela utopia de – com a nossa pequena mas importante parcela – contribuirmos para a construção de um mundo melhor. Nesta meta, a gratuidade e o amor (e não o interesse) devem ser a intenção que deve fluir nas nossas relações com Deus, com os semelhantes e com as demais criaturas. Pode até acontecer de não vermos a realidade plena deste sonho, mas podemos fazer a nossa parte, como bem ensina um provérbio magrebino: “*Nenhuma caravana jamais alcançou a utopia, mas é a utopia que faz andar as caravanas!*”

Boa leitura. *Shalom Aleichem!* (A Paz esteja com vocês!)

Ildo Perondi